



FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
CURSO DE PSICOLOGIA

EVELLYN AZEREDO VIEIRA RUI
JENNEFER VICENTE DOS SANTOS

AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA PSICOTERAPIA
INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INTERVENÇÕES
TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS

ARACRUZ
2024

EVELLYN AZEREDO VIEIRA RUI
JENNEFER VICENTE DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA PSICOTERAPIA
INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INTERVENÇÕES
TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para o curso de Psicologia das
Faculdades Integradas de Aracruz -
FAACZ, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Professora Jallana Rios
Matos.

ARACRUZ
2024

EVELLYN AZEREDO VIEIRA RUI
JENNEFER VICENTE DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA PSICOTERAPIA
INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INTERVENÇÕES
TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ), como requisito parcial para a obtenção grau de Bacharelas em Psicologia.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

Aracruz, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jallana Rios Matos (orientador)
Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ

Prof. Me. Marta Regina Rossoni (examinador)
Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ

Esp. Isabela Belloti Marim Rui (examinador)
Convidada Externa

DEDICATÓRIA

Evellyn Azeredo Vieira Rui

A Deus, pois tudo é dEle, e para Ele são todas as coisas.

A meu esposo Matheus por todo apoio no decorrer desses 5 anos.

A meus pais, Wellington e Alessandra que tornaram esse sonho possível.

Jennefer Vicente dos Santos

Primeiramente a Deus, pois Ele me sustentou até aqui. Aos meus queridos pais, Edwaldo e Dilzineia por serem minha maior inspiração e minha força em cada passo desse caminho. Obrigada por seu amor incondicional, seus ensinamentos e apoio constante.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus que nos sustentou até esse momento, a Ele toda honra e toda glória, e sem a sua graça nada disso seria possível.

Agradecemos as nossas famílias que a todo o momento nos apoiaram e possibilitaram que chegássemos até aqui.

Agradecemos a nossa orientadora, professora Jallana pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho.

Agradecemos nossos amigos Caio, Lilian, Marília, Rafaela e Victória, que tornaram tudo mais “leve” no decorrer desses anos e nos ajudaram no decorrer desse percurso.

Evellyn Azeredo Vieira Rui

Agradeço ao meu esposo, Matheus que foi meu maior incentivador, auxiliador e que sempre acreditou em mim.

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.”

*Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll, 1865*

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições dos contos de fadas na psicoterapia infantil, analisando intervenções terapêuticas com crianças de 6 a 11 anos. Baseia-se em um levantamento bibliográfico sobre o uso dos contos de fadas como ferramenta psicoterapêutica na terceira infância. Esta análise tem por finalidade compreender como os contos de fadas podem ser trabalhados como uma ferramenta de intervenção pelos psicólogos junto ao público infantil. Ademais, o estudo buscou entender como a psicoterapia infantil pode utilizar os contos de fadas no tratamento de questões emocionais e comportamentais; além de analisar o desenvolvimento emocional de crianças entre as idades de 6 a 11 anos e os desafios emocionais comuns nessa faixa etária; e investigar os benefícios e limitações do uso de contos de fadas como ferramenta terapêutica no contexto clínico infantil. No decorrer do estudo foi possível concluir que há grande contribuição dos contos de fadas como ferramenta psicoterapêutica na clínica com crianças de 6 a 11 anos. Os resultados constataram que, apesar da escassez de estudos sobre o uso de contos de fadas na terapia infantil, especialmente na terceira infância, os resultados evidenciam sua eficácia como ferramenta terapêutica.

Palavras-chave: Contos de fadas; Psicoterapia infantil; Terceira infância; Ferramentas psicoterapêuticas.

ABSTRACT

The present study aims to verify the contributions of fairy tales in child psychotherapy, analyzing therapeutic interventions with children aged 6 to 11 years. It is based on a bibliographical survey on the use of fairy tales as a psychotherapeutic tool in third childhood. This analysis aims to understand how fairy tales can be useful as an intervention tool for psychologists with children. Furthermore, the study sought to understand how child psychotherapy can use fairy tales to treat emotional and behavioral issues; in addition to analyzing the emotional development of children between 6 and 11 years old and the emotional challenges common in this age group; and investigate the benefits and limitations of using fairy tales as a therapeutic tool in the clinical context of children. During the study, it was possible to conclude the great contribution of fairy tales as a psychotherapeutic tool in the clinic with children aged 6 to 11 years. The results found that, despite the scarcity of recent studies on the use of fairy tales in children's therapy, especially in third childhood, the results showed their effectiveness as a therapeutic tool.

Keywords: Child psychotherapy. Third childhood. Psychotherapeutic tools.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	OS CONTOS DE FADAS.....	10
2.2	DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS.....	12
2.3	CONTOS DE FADAS COMO FERRAMENTA PSICOTERAPÊUTICA...	15
3.	PROCESSOS METODOLÓGICOS	20
3.1	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	21
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5.	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas ocupam um lugar especial na vida de muitas pessoas, pois grande parte delas cresce ouvindo histórias de príncipes, princesas, vilões e outros personagens (Sbardelotto; Donelli, 2014). Além de entreter, essas narrativas podem transmitir valiosos ensinamentos morais (Hillesheim; Guareschi, 2011). Transmitidos oralmente desde a antiguidade nas mais diferentes culturas, os contos fazem parte do imaginário coletivo, ensinando lições importantes, como “não se deve falar com estranhos”, ilustrada pelo conto da Chapeuzinho Vermelho, ou então que “há hora para tudo e não devemos dar lugar para preguiça”, exemplificado nos contos dos Três Porquinhos (Schneider; Torossian, 2009).

Caracterizados pelo gênero literário “fantástico”, os contos de fadas apresentam situações irreais de forma naturalizada (Todorov, 1939). Observa-se que seguem um esquema básico, com os seguintes elementos: (1) situação introdutória; (2) surgimento de uma adversidade; (3) busca por solução, em que, geralmente, o protagonista viaja com o objetivo de cumprir a tarefa determinada; (4) submissão a uma prova, quando protagonista mostra humildade, coragem etc.; (5) vitória na prova, após seu bom comportamento, o protagonista tem ajuda de um benfeitor; (6) superação do obstáculo posto pelo antagonista; (7) punição do antagonista; (8) final feliz (Barbieri; Abrunhosa, 2022; Peroni, 2022).

Esse gênero literário, além de entreter, desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional, especialmente durante a terceira infância (6 a 11 anos), um período marcado por transformações físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Entre essas transformações, destacam-se nas mudanças no conceito de self, com a diminuição do egocentrismo e o desenvolvimento da empatia, o que possibilita à criança se colocar no lugar do outro e aprender com essas experiências (Dreyer; Kohn, 2017). Também é nessa fase que se inicia o processo da escolarização. No entanto, importante mencionar os desafios que as crianças na terceira infância enfrentam. Observa-se que em alguns casos, a entrada na escola pode ser acompanhada de estresse emocional, exemplificados pelo bullying, dificuldades de aprendizagem, problemas de

autoestima e ansiedade que podem ocorrer durante esse processo, e impacta negativamente o cotidiano infantil (Santos, 2005; Campagnaro; Garcia, 2022).

Nesse contexto, a psicoterapia desempenha um papel essencial ao auxiliar no processo de desenvolvimento da criança, promovendo habilidades adaptativas e fortalecendo seu bem-estar, bem como o de sua rede de interação (Deakin; Nunes, 2008). Dentro da psicoterapia, os contos de fadas podem ser utilizados como ferramentas valiosas para abordar conflitos emocionais. Quando a criança está enfrentando um conflito e ouve uma história em que as personagens lidam com desafios similares aos seus, ela se reconhece naquela personagem e passa a imaginar-se no lugar dela, lidando com os dilemas da história. Esse processo proporciona à criança um suporte emocional e psicológico para superar seus próprios conflitos (Binder, 2010).

Com base nessas considerações, este estudo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: como os contos de fadas podem ser trabalhados como uma ferramenta de intervenção pelos psicólogos junto ao público da terceira infância? Para isso, o estudo teve como objetivo geral analisar como os contos de fadas podem ser utilizados na psicoterapia infantil para promover o desenvolvimento emocional de crianças de 6 a 11 anos, adotando a pesquisa bibliográfica como método. Especificamente, buscou-se: (a) compreender o papel dos contos de fadas na psicoterapia infantil; (b) analisar os desafios emocionais da terceira infância; e (c) identificar os benefícios e limitações do uso terapêutico dessas narrativas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OS CONTOS DE FADAS

De acordo com Todorov (1939) os contos de fadas se encaixam em um gênero literário que agrupam obras de seres sobrenaturais. O autor compreende os elementos sobrenaturais como: seres (fadas, dragões, feiticeiros, fantasmas); objetos (varinhas mágicas, bolas de cristal mágicas, espelhos mágicos, máquinas do tempo); e acontecimentos (transformação de príncipes em sapos, pessoas enfeitiçadas, transformação de objetos mágicos) que violam as leis naturais e físicas reconhecidas. Para Schneider e Torossian (2009) os contos de fadas contemporâneos são marcados pelo uso de magia, eles desenvolvem um núcleo central ligado a questões existenciais, onde o herói ou a heroína busca alcançar a autorrealização, enfrentando, por fim, desafios que precisam ser superados ao longo de sua jornada.

Historicamente, essas histórias eram narradas oralmente de geração em geração. Os contos de fadas têm sido transmitidos desde a Antiguidade até os dias atuais, com registros de seu uso em diversas culturas (Vicente, 2010; Sousa, 2005). A gênese dessa literatura é objeto de várias discussões (Schneider, Torossian, 2009). Alguns estudiosos apontam para uma origem céltica, datando-a do século II a.C (Coelho, 1987). De acordo com Hisada (1998), o romance *O Asno de Ouro*, de Apuleio, filósofo do século II a.C., apresenta semelhanças com o conto "A Bela e a Fera" (Hisada, 1998, apud Schneider; Torossian, 2009).

Apesar de hoje serem considerados contos para o público infantil, no passado eram transmitidos para adultos, pois continham conteúdos densos, como canibalismo, morte e adultério. Essas narrativas eram contadas em rodas durante a noite, nas casas, ou durante trabalhos manuais em grupo (Schneider; Torossian, 2009; Volobuef, 1993). Com a descoberta da infância (Ariès, 1981), o universo dos contos de fadas passou a se adaptar às necessidades e imaginações das crianças. Contadas oralmente por amas, governantas e cuidadoras, essas histórias começaram a se popularizar entre o público infantil

(Schneider; Torossian, 2009).

Em sua revisão bibliográfica, Schneider e Torossian (2009) destacam que os contos de fadas já eram utilizados como ferramenta terapêutica na medicina hindu, particularmente no tratamento de doenças mentais. Assim, fica evidente que a utilização dessas narrativas como instrumentos terapêuticos remonta a tempos antigos. Sbardelotto e Donelli (2014) afirmam que os contos de fadas podem ser usados na psicoterapia, especialmente através das representações de conflitos que apresentam. Essas histórias incluem embates e vilões, cujas representações podem servir como ferramentas para abordar, por exemplo, o medo infantil. Ademais, os contos trazem diversas lições, como a ideia de que todos enfrentam grandes dificuldades ao longo da vida e que, com coragem, é possível enfrentar as mais diversas situações.

Segundo Bettelheim (1980), os contos despertam uma ampla gama de emoções, incluindo raiva, dor, insegurança, indignação e orgulho. Os conteúdos internos se manifestam por meio das personagens das histórias, carregando uma intensidade emocional significativa. Através dessas narrativas, somos capazes de estruturar nossos pensamentos e orientar nossas ações ao lidar com conflitos. O autor ainda enfatiza que os contos não apenas influenciam a imaginação de quem os narra, mas também resgatam e revigoram os sentimentos e emoções da infância (Bettelheim, 1980). Segundo Radino (2001), é justamente no ato de contar que reside a magia dos contos.

Bettelheim (1980) ainda afirma que os contos de fadas são capazes de emocionar, entreter, gerar suspense e despertar os sentimentos mais primitivos do ser humano. Dentro deles, o confronto entre o bem e o mal é nitidamente delineado, permitindo-nos compreender que a batalha contra adversidades é inerente à vida. Através de enredos cativantes que alimentam a nossa imaginação, os contos de fadas têm a função de relembrar a infância, quando o mundo se revelava como um universo mágico de desejos e sonhos que moldavam a experiência cotidiana.

Os contos de fadas promovem o desenvolvimento da criança, motivando-a a ser generosa e solidária, fazendo-a compreender que nem sempre as pessoas são boas e que nem sempre as situações são agradáveis. Por consequência, desperta seu senso crítico, fazendo-a

refletir entre o pensar e o agir, entre o certo e o errado. Assim, a essência dos contos de fadas é abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre “bem e mal”, “certo e errado”. Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc. (Bettelheim, 1980, p. 65)

Os contos de fadas possuem uma importância significativa, uma vez que não só entretêm a criança, mas também as ajudam a compreender a si mesmas e promovem o desenvolvimento de sua personalidade. Eles oferecem significados em múltiplos níveis, enriquecendo a vida das crianças de diversas maneiras que nenhum outro tipo de literatura pode igualar. Por meio da interação com os contos de fadas e seus enredos que a criança pode explorar os mistérios da vida (Bettelheim, 1980). Nesse contexto, Sbardelotto e Donelli (2014) destacam o valor simbólico dessas histórias ao sugerirem maneiras de enfrentar conflitos existenciais. As crianças aprendem com mais facilidade quando são utilizados materiais lúdicos, e nesse aspecto, os contos de fadas são ideias, já que trazem de uma forma divertida representações de conflitos que sempre terminam com um final feliz, dando a criança a noção de que é possível superar as adversidades.

Os contos de fadas, com suas histórias simbólicas que marcaram gerações, são amplamente reconhecidos por sua capacidade terapêutica, particularmente na área da psicologia infantil. Essas narrativas proporcionam um ambiente seguro onde as crianças podem expressar seus medos, anseios e conflitos internos, incentivando o manejo emocional de questões que podem ser complexas de expressar verbalmente.

Nesse contexto, considerando a análise do impacto dos contos de fadas na infância, o atual estudo buscou concentrar-se em um público mais específico, entre as idades de 6 a 11 anos. Dessa forma, para analisar a eficácia dos contos como ferramenta psicoterapêutica nessa etapa, é necessário, primeiramente considerar o desenvolvimento emocional das crianças dessa faixa etária.

2.2 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS DE 6 A 11 ANOS

A terceira infância, período entre os 6 e os 11 anos de uma criança, é uma época de diversas mudanças, entre elas a evolução da cognição social, com a

qual há a diminuição do egocentrismo e o desenvolvimento da empatia. É nessa fase que seus autoconceitos se tornam mais extensos, racionais, balanceados e inclusivos incorporando assim, diversas características de suas identidades (Papalia; Feldman, 2013).

Entre as idades de 6 a 11 anos, aprender competências valorizadas pela sociedade é fundamental para a autoestima infantil. Durante essa fase, as crianças tornam-se mais conscientes de seus sentimentos e os sentimentos alheios, vivenciando emoções como vergonha e orgulho de forma mais clara, o que impacta diretamente na construção de sua autoestima (Papalia; Feldman, 2013). Para regular essas emoções, as crianças precisam voluntariamente se esforçar para modificar a atenção, a emoção e o comportamento (Papalia; Feldman, 2013). Porém, muitas crianças enfrentam dificuldades nesse processo. Ramires, Passarini, Flores e Santos (2009) destacam que nessa faixa etária não é incomum identificar problemas de saúde mental, com os quais os autores classificaram em três grupos: problemas de comportamento e/ou de déficit de atenção, ao grupo das depressões e aos transtornos de ansiedade.

Santos e Graminha (2006) também comentam que dentre as dificuldades enfrentadas na terceira infância estão os problemas emocionais decorrentes da frustração obtida por problemas de aprendizagem e comportamento marcado por hiperatividade e/ou déficit de atenção que muitas crianças apresentam nessa fase. Santos, Vasques e Azevedo (2022) alertam que de 2% a 4% de crianças entre 5 e 16 anos enfrentarão em algum momento algum transtorno de ansiedade. Frente a essas dificuldades, muitos responsáveis recorrem a psicoterapia (Gastaud; Kruse; Merg; Nunes, 2009).

Na terceira infância ainda há outras mudanças, como no raciocínio moral. Piaget (1932; Inhelder, 1969 apud Papalia; Feldman, 2013) sugere que o raciocínio moral da criança entre, em média, 7 a 10 anos corresponde ao estágio operatório concreto que tem como característica principal a flexibilidade. Para ele, as crianças dessa faixa etária desenvolvem seu próprio senso de justiça a partir de suas experiências com outras pessoas, quando elas percebem que existem diferentes pontos de vista, e assim formam seu senso de justiça de forma justa ou igual para todos. Diferente das crianças mais novas que tem

difficuldade de examinar mais de uma forma de analisar uma questão moral, grande parte das crianças em idade da terceira infância, conseguem investigar mais aspectos e, conseqüentemente, julgar de maneira mais sutil.

Tendo isso em vista, essa fase é um período de construção de autoestima, e conforme o egoísmo diminui as opiniões alheias ganham relevância, influenciando diretamente na forma como ela se vê (Campagnaro; Garcia, 2022). Assim problemas de autoestima podem surgir, levando a alguns responsáveis buscar auxílio terapêutico (Gastaud; Kruse; Merg; Nunes, 2009).

Nesses casos, a ferramenta psicoterapêutica pode ser utilizada, uma vez que, de acordo com Papalia e Feldman (2013, p. 329), as habilidades executivas, que se referem ao “controle consciente dos pensamentos, emoções e ações para alcançar objetivos ou solucionar problemas”, nesse período da infância, tem um progresso regular. A atenção seletiva tem grande melhora, durante a terceira infância as crianças conseguem se concentrar por mais tempo, filtrando as informações que desejam se atentar e as irrelevantes. Ademais, há uma evolução do raciocínio moral e da atenção seletiva que, em conjunto com os outros desenvolvimentos citados, são essenciais para que a criança retenha um aprendizado e isso é fundamental na psicoterapia para que o paciente possa adquirir conhecimento e desenvolva seu emocional (Goleman, 1995).

Além do raciocínio moral, Seabra e Rosseti (2016), afirmam que a habilidade de representação começa a se desenvolver nas crianças durante o estágio pré-operacional, momento em que a linguagem socializada, combinada com a capacidade de representar, permite à criança entrar em contato tanto com o mundo social quanto com suas representações internas. Dessa forma, ela se torna capaz de representar eventos de maneira interna, por meio do pensamento. Assim, quando as crianças chegam no período da terceira infância essa habilidade, ideal para a utilização dos contos de fadas como intervenção psicoterapêutica, já está desenvolvida (Sbardelotto; Donelli, 2014).

Essa habilidade demonstra sua importância uma vez que, autores como Sbardelotto e Donelli (2014) e Zatti e Kern (2014) declaram que a utilização dos contos como ferramenta psicoterapêutica se dá justamente pelas

representações feitas pelo paciente.

Neste sentido, para auxiliar o aprendizado das crianças é recomendado que ferramentas lúdicas sejam utilizadas, uma vez que o recurso lúdico, além de servir como uma forma de expressão infantil, pode ajudar a ensinar as crianças a agirem de maneira apropriada em certas circunstâncias (Zacardi, 2013).

Dessa forma, pode-se observar que o uso de contos de fadas como instrumento lúdico na psicoterapia, na faixa-etária de 6 a 11 anos, pode se tornar uma importante ferramenta para os psicoterapeutas.

2.3 CONTOS DE FADAS COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA

A partir do surgimento da Psicanálise, no final do século XIX, a ficção começou a ser examinada sob uma perspectiva mais profunda e estruturada. Sigmund Freud destacou a importância dos contos de fadas como reflexos da parte mais primitiva do psiquismo humano, equiparando-os aos mitos e lendas. Essas narrativas, segundo ele, contêm simbolismos que revelam conteúdos inconscientes relacionados a desejos, temores e conflitos reprimidos (Freud, 2019).

Segundo Freud, os contos de fadas e os sonhos funcionam como uma narrativa simbólica, onde desejos reprimidos e conflitos internos podem aparecer e ser solucionados de forma subliminar. Ele defende que as imagens fantásticas presentes nos sonhos e nas narrativas infantis escondem significados ocultos que a psicanálise desvende, proporcionando uma perspectiva reveladora sobre as estruturas psicológicas humanas. Apesar de Freud não ter se dedicado especificamente aos contos de fadas, ele elaborou conceitos sobre a função do inconsciente que inspiraram outros pesquisadores, como Bruno Bettelheim e Carl Jung, a investigar essas histórias (Freud, 2019).

Para Freud, os contos de fadas atuam como um meio de expressar conflitos internos, possibilitando que crianças e adultos experimentem emoções fortes e fantasias reprimidas de maneira protegida. Por exemplo, por meio de

personagens e histórias fantásticas, o inconsciente encontra uma "solução simbólica" para revelar conflitos psicológicos, como o complexo de Édipo (o anseio inconsciente por um dos pais e a rivalidade com o outro), conflitos entre impulsos de vida e morte, ou o anseio por poder e autonomia, frequentemente personificado em heróis e antagonistas (Freud, 2019).

Freud também notava que a literatura e as narrativas populares estão cheias de símbolos que possibilitam ao inconsciente se identificar. Por exemplo, em suas análises acerca do simbolismo dos sonhos, ele definiu etapas fundamentais para compreender a manifestação do sonho na mente, como a condensação, o deslocamento, a figurabilidade e a dramatização. Isso também se aplica aos contos de fadas, onde esses componentes são apresentados de forma rica e viva. Para um estudo mais aprofundado sobre a aplicação da teoria freudiana aos contos de fadas, é habitual recorrer aos trabalhos de Bruno Bettelheim, como em "A Psicanálise dos Contos de Fadas" (1980), onde Bettelheim emprega a ideia de Freud de que os contos de fadas proporcionam um ambiente onde as crianças podem expressar seus conflitos e ansiedades sem correr riscos. Freud também discute essas projeções em sua teoria acerca da função das fantasias e sua relevância na formação da subjetividade, que pode ser observada em trabalhos como "Ensaio de Metapsicologia" (Freud, 1996).

Embora Freud tenha introduzido a base para o estudo dos contos de fadas na Psicanálise, Melanie Klein expandiu essa abordagem, oferecendo interpretações que conectam essas narrativas ao desenvolvimento emocional infantil e à elaboração de experiências internas. Por exemplo, a sua teoria sobre as posições esquizoparanóide e depressiva proporciona uma estrutura para compreender como as crianças lidam com experiências emocionais intensas, como amor e ódio, que são frequentemente retratados em histórias infantis (Klein, 1984).

Para Klein, a fantasia inconsciente desempenha um papel central no desenvolvimento infantil, pois é por meio dela que a criança projeta e incorpora emoções e vivências em objetos internos (imagens psíquicas de indivíduos ou segmentos deles). Nos contos de fadas, essa dinâmica se manifesta claramente nas representações de figuras como a madrasta má ou o herói ideal, que podem

representar tanto objetos benéficos quanto prejudiciais. Essas histórias oferecem às crianças uma oportunidade de expressar e transformar seus conflitos internos de maneira simbólica, permitindo a assimilação de sentimentos contraditórios, como agressividade e dependência. A estrutura dos contos, com personagens polarizados como vilões e heróis, reflete a atitude esquizoparanóide do bebê, que vê o mundo de maneira dicotômica (bom ou mau) a atitude depressiva, que surge com o amadurecimento, está em sintonia com narrativas onde os personagens vivenciam transformações ou redenções. Klein defendia a ideia de que as histórias infantis auxiliavam as crianças na elaboração desses processos de integração, convertendo-se em instrumentos terapêuticos (Klein 1984).

Os contos de fadas também contribuem para o fortalecimento da confiança e da resiliência infantil, como destacado por Bettelheim (1980). Essas narrativas apresentam soluções simbólicas para desafios e inquietações da vida, permitindo que as crianças enfrentem seus medos e desenvolvam recursos emocionais para superar dificuldades. Os contos de fadas oferecem respostas para as nossas inquietações vividas e soluções para os desafios que temos que superar. Através dos contos de fadas, a criança pode não apenas se reconhecer como um dos personagens principais, mas também aplicar - por meio de brincadeiras e encenações - as soluções subjetivas que os contos lhes ofereceram (Bettelheim, 1980). Hueck (2016) descreve o pensamento mágico como a capacidade humana de associar eventos sem conexão lógica, um aspecto central nos contos de fadas o fantástico sempre foi e permanece como um dos componentes mais relevantes nos contos de fadas. As histórias, por meio das emoções que proporcionam às crianças e do simbolismo oculto nos enredos e personagens, agindo sempre de forma inconsciente, contribuem progressivamente para a resolução dos conflitos internos comuns nesta etapa da vida.

A maioria das crianças se desenvolve ouvindo histórias de fadas, que, são repletas de personagens como feiticeiras, princesas e príncipes, embora figuras como o lobo mau não existam na realidade, essas histórias contêm metáforas poderosas que transmitem mensagens úteis e funcionam como recursos

terapêuticos, muitas vezes atingindo objetivos que a fala não consegue (Alves, 1999). Os contos de fadas ajudam a criança a lidar com seus medos, atribuindo-lhes uma forma concreta, como a bruxa ou a madrasta, o que facilita a compreensão e o enfrentamento de conflitos internos (Bettelheim, 1980; Gutfreind, 2010). Além disso, essas narrativas ensinam que, embora os desafios existenciais sejam inevitáveis, é possível superá-los com coragem, levando a criança a uma compreensão simbólica dos obstáculos da vida. Com isso, os contos de fadas oferecem orientações sobre como enfrentar as dificuldades e amadurecer, sempre assegurando um final feliz, como o clichê "felizes para sempre", que oferece à criança um sentido de esperança e segurança (Bettelheim, 1980).

O uso de contos de fadas contribui para o aprimoramento da imaginação infantil e a resolução de conflitos. Ao ouvir e contar histórias, a criança desenvolve a criatividade, o que está diretamente relacionado à melhoria da sua saúde mental. Essas narrativas criam ambientes simbólicos que estimulam a criança a explorar seu funcionamento mental, promovendo o desenvolvimento do pensamento (Gutfreind, 2010). Os contos de fadas se mostram eficazes para oferecer à criança a oportunidade de recontar, ouvir e reviver suas próprias histórias, o que favorece a criação, expressão e elaboração de seus conflitos internos (Gutfreind, 2010). Os elementos simbólicos presentes nos contos funcionam como ferramentas para a criança resolver suas questões emocionais por meio da narrativa (Corso; Corso, 2006).

Os contos de fadas desempenham um papel essencial no desenvolvimento mental das crianças. Presentes desde a antiguidade, essas narrativas têm uma função terapêutica que explica sua capacidade de atravessar gerações (Gutfreind, 2003). Figueiredo (1998) aponta que a persistência dos contos de fadas ao longo do tempo se deve ao seu poder simbólico, que ajuda os indivíduos a se conhecerem e a compreenderem melhor suas emoções. Ao introduzir o simbolismo na vida das crianças, os contos de fadas fornecem uma base para o desenvolvimento da saúde mental, promovendo transformações subjetivas importantes. Nesse sentido, as contribuições psicológicas dos contos de fadas são significativas, especialmente no que se refere ao convívio social da

criança e à sua capacidade de amadurecimento emocional, favorecendo um desenvolvimento saudável.

Diversas pesquisas na área da psicologia clínica têm destacado o uso dos contos de fadas como valiosos instrumentos de intervenção terapêutica. Estudos provenientes de diferentes abordagens, como a psicanálise (Bettelheim, 2017), psicologia analítica (Von Franz, 2005), psicologia humanista (Campbell, 2007), terapia cognitivo-comportamental (Green, 2013) e psicodrama (Moreno, 1993), convergem para a ideia de que os contos de fadas desempenham um papel fundamental na psicoterapia infantil, auxiliando na expressão de emoções, no entendimento de conflitos internos e no desenvolvimento de recursos psicológicos essenciais para a criança.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este estudo adotou a pesquisa bibliográfica com análise qualitativa descritiva, visando aproximar-se das principais teorias e estudos sobre o tema. Segundo Pizzani et al. (2012), a pesquisa bibliográfica consiste na revisão da literatura sobre teorias que fundamentam o trabalho científico. Sousa, Oliveira e Alves (2021) destacam que ela exige dedicação e análise criteriosa do pesquisador para reunir e interpretar obras publicadas, apoiando o desenvolvimento científico. Além disso, Martins (2001) e Gil (2002) enfatizam que a pesquisa bibliográfica não apenas explica e discute temas com base em referências publicadas, mas também auxilia na escolha de métodos e técnicas, sendo uma etapa essencial de qualquer atividade científica.

As buscas por artigos, teses e dissertações foram realizadas nas bases de dados eletrônicas Scholar Google, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), entre outubro e novembro de 2024. Os descritores utilizados foram: "Contos de Fadas" AND "Psicoterapia Infantil" AND "Terceira Infância"; "Contos de fadas" AND "Psicoterapia Infantil"; "Contos de Fadas" AND "Terceira Infância", com o objetivo de localizar estudos que abordassem o uso dos contos de fadas como ferramenta de intervenção psicoterapêutica.

A busca resultou em 334 registros, dos quais 4 artigos científicos foram selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram: publicações nos últimos 10 anos, estudos empíricos, disponibilidade online, idioma em português e foco no uso dos contos de fadas como ferramenta psicoterapêutica no contexto infantil. A seleção dos estudos foi realizada por meio de uma análise criteriosa, considerando apenas aqueles que atendiam aos critérios estabelecidos. A análise da literatura ocorreu em duas etapas: a busca pelos estudos e a leitura crítica dos artigos selecionados, com o objetivo de explorar a literatura de forma abrangente e diversificada.

3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram selecionados 4 artigos, todos publicados em revistas da área de Psicologia entre os anos de 2014 e 2022, com estudos realizados nas regiões Sul (3) e Sudeste (1) do Brasil. A população-alvo dos estudos abrangeu, em sua maioria, crianças na terceira infância (6 a 11 anos), sendo que apenas um deles investigou o público infantil sem mencionar uma faixa etária específica. As pesquisas adotaram abordagem qualitativa e utilizaram metodologias como pesquisa-ação, pesquisa de campo e estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, dinâmicas de estudo de caso, grupos focais e questionários.

Os artigos selecionados exploraram o uso de contos de fadas como recursos psicoterapêuticos na clínica infantil. A Tabela 1, a seguir, reúne os estudos identificados após a aplicação dos critérios de inclusão.

Tabela 1: Artigos encontrados

AUTORES / ANO	TÍTULO	RESUMO DO ARTIGO
SBARDELOTTO, Flávia Cambruzzi; DONELLI, Tagma Marina Schineider (2014)	Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças.	Este estudo investigou o uso de contos de fadas como intervenção em crianças com dificuldades de aprendizagem, atendidas em um ambulatório de saúde mental. A pesquisa avaliou se os contos favoreciam a simbolização e a criatividade. Os resultados indicaram que eles auxiliaram no acesso às problemáticas, facilitando intervenções e a expressão de afetos.

LOPES, Ivone; DELLAGIUSTINA, Marilene (2020)	Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: Estudo de caso na perspectiva do Psicodrama.	O texto aborda o uso de contos infantis como ferramenta lúdica na psicoterapia com crianças, apresentando a fundamentação teórica e o caso de uma criança com agressividade como queixa principal. Observou-se que o recurso contribuiu para a redução de comportamentos repetitivos e o aumento de respostas criativas, impulsionadas pela espontaneidade, de acordo com a teoria psicodramática.
ZATTI, Cleonice; KERN, Cristina Dariano (2014)	A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil.	O estudo replicou em Porto Alegre a pesquisa de Celso Gutfreind (2003), realizada na França, sobre o uso de contos em psicoterapia infantil de grupo, com o objetivo de ajudar crianças em sofrimento psíquico devido a vivências traumáticas ou contextos violentos. Os resultados destacaram os contos como ferramentas eficazes para estimular a criatividade, promover a saúde mental, elaborar conflitos e facilitar a socialização e o desenvolvimento subjetivo das crianças.

MOURA, Letícia Domingues; ROCHA, Thaina Aparecida Barbosa; SALLES, Rodrigo Jorge. 2022	O papel dos contos de fadas no processo grupal com crianças em vulnerabilidade social	O estudo investigou o papel dos contos de fadas no atendimento grupal infantil, com sete crianças de 6 a 10 anos em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa revelou que os contos de fadas atuam como mediadores simbólicos, ajudando na expressão e elaboração de conflitos infantis. As crianças criaram personagens que enfrentam desigualdades e dificuldades sociais, mostrando como essas histórias podem auxiliar na superação de traumas e desafios em contextos de abandono e violência.
---	--	--

Os resultados indicam que os contos de fadas são recursos terapêuticos eficazes. Suas narrativas funcionam como metáforas que ajudam as crianças a enfrentarem medos e dificuldades. Além do mais, tal ferramenta permite ao psicoterapeuta acessar aspectos emocionais e psicológicos que a fala isolada, em alguns casos, não alcança (Sbardelotto; Donelli, 2014). Os contos possibilitam a expressão de sentimentos que dificilmente seriam manifestados em um contexto cotidiano, promovendo um espaço seguro para a elaboração emocional (Zatti; Kern, 2014).

Lopes e Dellagiustina (2020) ressaltam que essa ferramenta facilita a conexão entre paciente e terapeuta, promovendo a expressão emocional da criança. O universo fantasioso dos contos, integrado à realidade, oferece novas perspectivas para lidar com desafios e explorar formas de enfrentamento.

Além disso, os simbolismos presentes nos contos de fadas ajudam a criança a se reconhecer e reviver suas próprias histórias, favorecendo a

elaboração de estratégias de enfrentamento (Sbardelotto; Donelli, 2014). Zatti e Kern (2014) complementam que os contos promovem a integração entre consciente e inconsciente, contribuindo para a saúde mental por meio do uso do simbólico.

Os estudos destacaram o uso dos contos de fadas em articulação com teorias psicológicas, como a psicanálise (Zatti; Kern, 2014; Moura, Rocha e Salles, 2022) e o psicodrama (Lopes; Dellagiustina, 2020). Na perspectiva psicanalítica, Zatti e Kern (2014) enfatizam que os contos de fadas facilitam a manifestação de sofrimentos, exigindo do terapeuta uma escuta singular, atenta à subjetividade do paciente. Eles apontam que essa escuta pode ser realizada por meio de diversas formas de comunicação, como a oralidade, dramatização ou desenhos produzidos pela criança. Corroborando com a literatura, sob a ótica psicanalítica, os contos de fadas são interpretados como representações metafóricas de processos psíquicos inconscientes experienciados pelas crianças. Apoiando-se nisso, podem ser utilizados com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento infantil a partir da elaboração de conflitos (Peroni, 2022).

No contexto do psicodrama, Lopes e Dellagiustina (2020) destacam a relevância da espontaneidade, criatividade e sensibilidade no trabalho terapêutico com contos de fadas. As autoras descrevem um método estruturado em quatro etapas: aquecimento inicial, narração da história escolhida, dramatização baseada nos princípios do psicodrama e, por fim, a troca de papéis. Achados de outros estudos também apontam para a associação entre o psicodrama e as narrativas, reforçando sua eficácia como abordagem terapêutica (Contro, 2012; Ramos-Cerqueira et al., 2005).

Delimitou-se nesta pesquisa a análise de estudos que abordam o uso dos contos de fadas na terceira infância. Nesse sentido, as pesquisas selecionadas têm como público-alvo essa faixa etária, exceto uma que não especifica a idade das crianças. Sbardelotto e Donelli (2014) avaliaram quatro crianças, entre 6 e 9 anos, com dificuldades de aprendizagem ou relacionamento social. Zatti e Kern (2014) relatam a intervenção com uma criança de 6 anos, que enfrentava carência emocional materna. Moura, Rocha e Salles (2022) realizaram uma pesquisa qualitativa com sete crianças, entre 6 e 10 anos, em situação de risco

ou vulnerabilidade social. Lopes e Dellagiustina (2020) apresentam um caso clínico de uma criança que procurou atendimento devido à agressividade. Embora os autores não especifiquem a idade do participante, a história utilizada descreve um personagem de 9 anos. Posto que, os artigos tenham abordado crianças na terceira infância, é importante destacar a aplicabilidade dos contos como ferramenta terapêutica em diferentes faixas etárias, desde crianças até adultos (Peroni, 2020).

A terceira infância é marcada por avanços cognitivos e sociais. Nesse período, as crianças começam a compreender as regras e estão aptas a realizar ações mais complexas (Costa; Moura; Moraes; Sales, 2022). Os raciocínios simbólicos e associativos também se desenvolvem, contribuindo para o aprimoramento da memória voluntária e da atenção (Costa; Moura; Moraes; Sales, 2022). Além do mais, nessa etapa da infância, a criança tem um controle melhor sobre seus sentimentos (Campagnaro; Garcia, 2022). Dessa forma, os autores destacam que essa fase é ideal para trabalhar o lúdico. O estudo com crianças na terceira infância é relevante, pois, nesse período escolar, a socialização, que antes se dava principalmente no convívio familiar, passa a ganhar destaque no contexto escolar. Essa fase também é marcada pela diminuição do egocentrismo, permitindo a percepção de diferentes pontos de vista, além do desenvolvimento do raciocínio lógico e da argumentação coerente (Campagnaro; Garcia, 2022).

A literatura destaca a crescente incidência de ansiedade infantil na terceira infância, afetando as atividades diárias e dificultando o aprendizado. Essa ansiedade está associada a preocupações excessivas, como problemas de saúde, demandas escolares e questões pessoais nessa faixa etária (Santos; Vasques; Azevedo, 2022). O transtorno de ansiedade configura-se em problema de saúde mental na infância, impactando o aprendizado. A ansiedade prejudica a concentração, a memória e o rendimento escolar, pois o processo de aprendizagem depende de fatores cognitivos, sociais e emocionais (Costa; Moura; Moraes; Sales, 2022).

No que se refere aos resultados dos estudos, Sbardelotto e Donelli (2014) investigaram os impactos de uma intervenção baseada em contos de fadas, que

envolveu entrevistas iniciais, aplicação de testes psicológicos e dez encontros em grupo. Durante as sessões, eram realizadas leituras de contos seguidas de atividades de desenho e brincadeiras com brinquedos estruturados e não estruturados, com o objetivo de estimular a expressão emocional e a construção simbólica. Os resultados mostraram avanços significativos em três das quatro crianças participantes, porém, destacaram que o tempo limitado das sessões foi um fator que influenciou os resultados. As autoras sugerem que, para alcançar um desenvolvimento mais consistente, pode ser necessário um número maior de encontros, ressaltando que o uso dos contos de fadas como ferramenta terapêutica pode demandar um processo mais prolongado. Entretanto, não foi encontrado na literatura informações que fortalecessem esse pensamento.

Lopes e Dellagiustina (2020) investigaram a eficácia dos contos infantis como recurso lúdico na prática psicoterapêutica, relatando o caso de uma criança com comportamentos agressivos. A intervenção semanal utilizou o Psicodrama e contos infantis como ferramentas para expressar sentimentos e conflitos, baseando-se na ideia de que essas histórias ajudam as crianças a compreender e resolver questões internas simbolicamente. As autoras concluíram que a combinação de contos de fadas com o Psicodrama é eficaz no tratamento de problemas comportamentais infantis, ao estimular a espontaneidade e promover respostas criativas e não repetitivas. No caso analisado, a criança, inicialmente agressiva, passou a adotar novas formas de lidar com adversidades e a se relacionar de maneira mais adaptativa, demonstrando o potencial terapêutico dessa abordagem.

Zatti e Kern (2014) buscaram compreender como ajudar crianças em sofrimento psíquico causado por experiências traumáticas ou ambientes familiares e sociais violentos, replicando uma pesquisa de Celso Gutfreind (2003) realizada na França. O estudo foi conduzido em uma creche comunitária, com sessões de psicoterapia infantil em grupo mediadas por contos de fadas. Cada encontro incluía a contação de histórias, seguida de atividades como desenhos e dramatizações dos contos. Embora o estudo abrangesse um grupo de crianças, o foco da análise foi uma criança de 6 anos. A pesquisa utilizou instrumentos como o teste HTP (Casa-Árvore-Pessoa), fábulas e a análise das sessões terapêuticas para avaliar os resultados. Essas atividades facilitaram a

expressão emocional e a elaboração simbólica, destacando a relevância dos contos de fadas no apoio terapêutico a crianças em contextos vulneráveis.

No estudo de Moura, Rocha e Salles (2022) investigou-se o papel dos contos de fadas no atendimento grupal infantil por meio de uma pesquisa qualitativa com abordagem clínica interventiva. Achados na literatura abordam que o emprego dessas narrativas como instrumentos psicoterápicos também abrangem outros públicos como adultos e idosos (Peroni, 2022; Vieira, 2024; Schawarz, 2009). Assim, este estudo envolveu sete crianças de 6 a 10 anos, atendidas em uma instituição voltada para situações de risco e vulnerabilidade social. Durante 12 sessões semanais, três contos de fadas foram trabalhados, e a coleta de dados incluiu anamnese, questionário sociodemográfico e anotações das sessões, analisadas por meio de análise de conteúdo temática.

Os resultados apontaram mudanças significativas no comportamento das crianças, especialmente no reconhecimento e expressão de emoções. Os contos de fadas possibilitaram a elaboração de conflitos emocionais por meio da fantasia e do lúdico, promovendo a expressão de angústias e avanços no desenvolvimento emocional. Os autores também destacaram a importância do vínculo com os terapeutas, que atuaram como suporte fundamental para sustentar o processo terapêutico, evidenciando a função de continência no contexto infantil.

Conclui-se, portanto, que os contos de fadas, utilizados como ferramentas terapêuticas, demonstram seu potencial de forma consistente, promovendo a elaboração emocional, o enfrentamento de conflitos e o desenvolvimento de novas estratégias de comportamento (Sbardelotto; Donelli, 2014; Lopes; Dellagiustina, 2020; Zatti; Kern, 2014; Moura; Rocha; Salles, 2022). Esses resultados reforçam a relevância de integrar narrativas simbólicas à prática clínica, ampliando as possibilidades de abordagem terapêutica e oferecendo às crianças um espaço seguro para explorar suas emoções e encontrar caminhos criativos para lidar com seus desafios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, constou-se que há poucos estudos sobre o assunto, especialmente ao que se refere a terceira infância e a sua utilização na clínica individual. Entretanto, apesar de ser ainda um campo pouco explorado, com base nos resultados apresentados, foi possível concluir que os contos de fadas se configuram como ferramentas terapêuticas eficazes no atendimento infantil, especialmente durante a terceira infância, já que, frente aos desafios, essa faixa etária inclui um desenvolvimento cognitivo e emocional, condições para compreensão, elaboração e ressignificação necessárias para esse processo atinja seus objetivos de forma eficaz.

Conclui-se que essas histórias podem ser utilizadas como uma ferramenta de intervenção por psicólogos no atendimento ao público infantil, por meio de simbolismos que desempenham um papel metafórico importante para a criança. Dessa forma, o paciente consegue se identificar com os personagens da história e, a partir do conto, compreender suas próprias emoções. Isso permite que as crianças explorem seus sentimentos de maneira lúdica e segura, ajudando-as a lidar com desafios e a desenvolver estratégias de enfrentamento para suas dificuldades emocionais e sociais. Os estudos revisados ainda demonstram que, por meio desta identificação com os personagens, em conjunto com outras ferramentas como desenhos e o psicodrama, os contos facilitam a relação terapêutica, ajudando o paciente a revelar questões que muitas vezes não seriam abordadas facilmente.

No decorrer do estudo não foram encontradas limitações do uso dessa ferramenta, de maneira oposta as pesquisas mostraram apenas benefícios de seu manejo. Assim, concluiu-se que os contos de fadas oferecem um valioso suporte ao processo terapêutico infantil, promovendo avanços emocionais, sociais e cognitivos, além de fortalecer o vínculo entre criança e terapeuta. Sua utilização, somado ao conhecimento técnico de psicólogos traz grande contribuição para o desenvolvimento emocional infantil.

Com base nos fatos supracitados, recomenda-se que mais estudos sejam

realizados sobre a utilização dos contos de fadas como ferramenta terapêutica, especialmente no contexto da terceira infância e na prática clínica individual. Apesar dos resultados positivos, a escassez de pesquisas atuais mostra a necessidade de aprofundar o entendimento sobre sua eficácia, limitações e potencialidades. Pesquisas futuras poderão colaborar uma melhor compreensão sobre as possibilidades de aplicação e fortalecer o embasamento teórico e prático dessa ferramenta.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. São Paulo: Papirus, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARBIERI, Gleidys Damaso; ABRUNHOSA, Suzana. **O uso dos contos de fadas no contexto escolar: um aporte para o processo de ensino/aprendizagem**. Anais do Encontro de Iniciação Científica das Faculdades Integradas de Jaú, Jaú, v. 19, p. 1-6, 23 out. 2022. Disponível em: <https://portal.fundacaojau.edu.br:4433/journal/index.php/enic/article/view/10>. Acesso em: 16 nov. 2024.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma psicanálise dos contos de fadas**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

BINDER, David. **A Psicologia da Literatura Infantil: Como as Histórias Ajudam no Crescimento Emocional e Cognitivo das Crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CAMPAGNARO, João Francisco Gagno; GARCIA, Anilton Sales. O crescimento e o desenvolvimento neuropsicomotor e cognitivo infantil na terceira infância. In: CAMPAGNARO, João Francisco Gagno; GARCIA, Anilton Sales. **O lúdico na era digital: desenvolvimento comportamental infantil na terceira infância**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022. cap. 3, p. 45-52. Disponível em: <https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/1738>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CAMPBELL, José. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

CONTRO, Luiz. **Páginas que se espelham: ensaio inicial sobre psicodrama e literatura**. Revista Brasileira de Psicodrama, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 53-65, 1 dez. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932012000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 29 nov. 2024.

CORSO, D. L. e CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Ana Karina Leite; MOURA, Pedro Gabriel Silva; MORAES, Thalia dos Santos; SALES, Rafael Veiga. **Análise dos domínios físicos, cognitivo e psicossocial na terceira infância**. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 131-141, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/5327>. Acesso em: 16 nov. 2024.

DEAKIN, Elisabeth Kuhn; NUNES, Maria Lucia Tillet. **Investigação em psicoterapia com crianças**: uma revisão. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, p. 1, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-81082008000200003>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082008000200003>. Acesso em: 11 abr. 2024.

DREYER, Bruna; KOHN, Paola Andressa. Transtorno de ansiedade infantil na terceira infância: uma revisão bibliográfica. **Anuário de Pesquisa e Extensão UNOESC**, São Miguel do Oeste, v. 2, n. e13061, p. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/13061>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Ed. Educa, 1998.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Ensaio de Metapsicologia**. Edição Padrão Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, v. 14, 1996.

GASTAUD, Marina Bento; KRUSE, Luciane Maria; MERG, Milene Gonzalez; NUNES, Maria Lúcia Tillet. **Psicoterapia Psicanalítica de Crianças Realizada em Instituição**: Dados Empíricos. Revista Contemporânea, Porto Alegre, v. 8, p. 61-86, dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo220.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8074332/mod_resource/content/2/Intelig%C3%A2ncia%20emocional%20by%20Daniel%20Goleman.pdf

GREEN, Larissa N. **Contos de fadas e terapia cognitivo-comportamental**: uma aplicação às técnicas de reestruturação cognitiva infantil. Journal of Cognitive Psychotherapy, 2013.

GUTFREIND, Cristiane Tavares. **Contos de fadas e a psicanálise**: O mundo encantado da infância. 2010.

GUTFREIND, Douglas. **A violência e a criança em desenvolvimento**: uma visão interdisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Contos de Fadas e Infância(s)**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 107-126, 2011.

Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/22976>. Acesso em: 8 out. 2024.

HUECK, Ana Carolina von. **O papel da fantasia e do pensamento mágico na formação psíquica infantil**, 2016.

KLEIN, Melanie. **Narrativas de uma Criança: A Técnica Psicanalítica através do Jogo**. São Paulo: Imago, 1984.

LOPES, Ivone; DELLAGIUSTINA, Marilene. **Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: Estudo de caso na perspectiva do Psicodrama**. Revista Brasileira de Psicodrama, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 28-37, 9 jan. 2020. Disponível em: <https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/153>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MARTINS, Jorge Santos. **O Trabalho com Projetos de Pesquisa: Do ensino fundamental ao ensino médio**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

MOURA, L. D.; ROCHA, T. A. B.; SALLES, R. J. **O papel dos contos de fadas no processo grupal com crianças em vulnerabilidade social**. Psicologia Argumento, [S. l.], v. 40, n. 111, 2022. DOI: 10.7213/psicolargum.40.111.AO04. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27734>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2013.

PERONI, Ana Paula. **Os contos de fadas e seu uso como ferramenta psicoterápica**. Revista Interdisciplinar da FARESE, [S. l.], p. 32-51, 2022. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/revistainterdisciplinardafarese/article/view/12>. Acesso em: 1 nov. 2024.

PIZZANI, Luciana; DA SILVA, Rosemary Cristina; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piombato Innocentini. **A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 10, n. 1, p. p.53-66, 2012. DOI <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/560>. Acesso em: 7 maio 2024.

RADINO, Gloria. **Oralidade, um estado de escritura**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 2, p. 73-79, 10 out. 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/D3Wd3fXZFfh437TXV9My8g/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; PASSARINI, Daniele Simone; FLORES, Gustavo Gazzana; SANTOS, Lasissa Goulart dos. **Fatores de risco e problemas de saúde mental de crianças**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019248012>. Acesso em: 7 nov. 2024

RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A.; LIMA, M. C. P.; REIS, J. R. T.; FONSECA, N. M. V. **Era uma vez... contos de fadas e psicodrama auxiliando alunos na conclusão do curso médico**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 81-89, 1 fev. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2005.v9n16/81-89/pt>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SANTOS, Havanny Siqueira; VASQUES, Ana Tereza Dias; AZEVEDO, Gleiton Nunes de. **Transtorno de ansiedade na infância**: alterações cognitivas e os impactos na aprendizagem escolar na terceira infância. Psicologias em Movimento, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 105-116, 15 abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISEPsicologias/article/view/854>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, Patricia Leila dos; GRAMINHA, Sônia Santa Vitaliano. Problemas emocionais e comportamentais associados ao baixo rendimento acadêmico. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], p. 101-109, 17 abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/3MJxNCfNF9XFpHBHpXdxMnC/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTOS, Simone Aparecida dos. **As relações entre ansiedade e estresse na infância**. In: SANTOS, Simone Aparecida dos. Raciocínio emocional e regulação afetiva numa perspectiva desenvolvimental na infância. Orientador: Renata F. Fernandes Lopes. 2005. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, [S. l.], 2005. p. 50-51. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17210>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SBARDELOTTO, Flavia; DONELLI, Tagma. **Entre bruxas e lobos**: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822014000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHNEIDER, Raquel; TOROSSIAN, Sandra. **Contos de fadas**: de sua origem à clínica contemporânea. Psicologia em Revista, Minas Gerais, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009.

SEABRA, Silvia Lorenzoni Perim; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil**: investigação por meio de um conto de fadas em versão multimídia. Construção Psicopedagógica, [S. l.],

p. 133-148, 2016. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 nov. 2024.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, [S. l.], v. 20, n. 43, p. p.64-83, 1 jan. 2021. Disponível em:
<file:///C:/Users/evell/Downloads/2336-Texto%20do%20Artigo-8432-1-10-20210308.pdf>. Acesso em: 7 maio 2024.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. **Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano**. Boletim de Psicologia, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 205-232, 10 dez. 2005. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2024.

SCHWARZ, Lidia Rodrigues. **EnvelheSer, a busca do sentido da vida na terceira idade: uma proposta de psicoterapia grupal breve de orientação junguiana**. Orientador: Therezinha Moreira Leite. 2009. Tese (Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16122008-161154/en.php>. Acesso em: 30 nov. 2024.

TODOROV, Tzvetan. A Narrativa Fantástica. In: TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1939. cap. 5, p. 147-165. Disponível em:
<https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/asestruturanarrativaslivro.pdf>. Acesso em: 8 out. 2024.

VICENTE, Natacha Raquel De Afonso Matos. **Contos de fadas tradicionais: Narrativas ímpares na infância**. Orientador: Eduardo Sá. 2010. 1-68 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), [S. l.], 2010. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10400.12/4322>. Acesso em: 16 nov. 2024.

VIEIRA, Paulo Maurício de Oliviera. **Compreensão das fantasias dos contos de fada tradicionais como caminho para adaptação do ser social com sofrimento psíquico grave**. Orientador: Walter Melo. 2024. Tese (Psicologia) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2024. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/TESE%20PAULO%20FINAL.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VOLOBUEF, Karin. **Um estudo do conto de fadas**. JSTOR, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40542110?read-now=1&seq=3>. Acesso em 09/04/2024.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. 5 ed. Paulus. São Paulo: 2005.

ZACARDI, Kelly Sandoli Biazon. **A utilização do material lúdico na**

psicoterapia infantil. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) - Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/560>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ZATTI, Cleonice; KERN, Cristina Dariano. **A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil.** Diaphora, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 6-17, 13 nov. 2014. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/60>. Acesso em: 14 nov. 2024.